

REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

O melhor clima para os tísicos.—(Congresso de Washington, secção de Climatologia—Medical Record).—O Dr. *C. Denison*, de Denver, faz uma communição sobre « o melhor clima para os tísicos. » Nos Estados Unidos, acha-se a uma altitude de mil e quinhentos pés ao Norte, no inverno, e a uma altitude de dez mil pés ao Sul, no verão. Quando os doentes são adiantados em annos, quando teem temperamento nervoso, quando soffrem de lesões valvulares do coração, d'emphysema, de pneumo-thorax, de pneumonia, d'hemoptyse ou febre consideravel, as estações climatericas elevadas estão contra-indicadas. Em todos os casos é preciso um clima claro, secco, frio e de temperatura estavel.

O Dr. *J. W. Moore*, de Dublin, leu um artigo sobre o « predominio da pneumonia segundo as estações. » Conclue que a pneumonia requer que a considerem como febre especifica, com os seguintes fundamentos : 1.º apresenta-se muitas vezes sob a fórma epidemica ; 2.º é infecciosa ; 3.º em muitos casos é de origem typhoide ; 4.º o seu modo de invasão é exactamente similhante ao das febres especificas, reconhecidas como taes ; 5.º o apparecimento de phenomenos geraes antes de serem apreciaveis os signaes locaes ; 6.º a defervescencia critica, nos casos não complicados ; 7.º a presença de accidentes pelo lado da pelle, taes como herpes, manchas lividas, descamação ; 8.º as complicações que se desenvolvem como sequencias, taes como a nephrite, etc. ; 9.º a descoberta d'um bacillo provavelmente pathogenico, que a analogia indigita como pathognomonic.

O Dr. *H. B. Baker*, de Lansing, apresenta um ensaio sobre : « As relações de certos estados meteorologicos com as doenças agudas dos pulmões e das vias aereas, » illustrado com as curvas da frequencia da influencia, de amygdalite, do croup, da bronchite e da pneumonia, as quaes seguem a curva da temperatura atmospherica com um parallelismo que surprehende.

Suggere que a relação de causalidade entre estas doenças e a temperatura não foi mais cedo colhida, porque tem passado desapercibido um dos principaes factos, a saber, que o ar frio é sempre secco, isto é, n'um dado volume, contém muito pouca agua, porque com pouco vapor d'agua fica saturado ás temperaturas baixas ; ao contrario, tem se dito geralmente que estas doenças occorrem quando o ar está frio e humido (e de facto está *humido*, no sentido usual da palavra, isto é, deposita facilmente a pouca agua que contém e não se carrega com vapores da agua que esteja á mesma temperatura; para estar

humido no sentido absoluto, precisava o ar de estar quente, porque então carrega-se com grandes quantidades d'agua, não a depositando facilmente). Ora, o ar frio está humido relativamente, mas, em absoluto, está secco, e a isso são devidos os seus maus efeitos sobre as vias aereas. Assim, um pé cubico d'ar, inspirado á temperatura de zero Fahr. (16,° 6 centigrados

abaixo do zero C.) só meio grão ($\frac{65}{2} = 32 \frac{1}{2}$ milligr.) de va-

por d'agua póde conter, ao passo que, quando é expirado, á temperatura de cerca de 98° F. (36°,6 C), contém cerca de dezoito e meio grãos (1.202,5 millig.) de vapor, do qual mais de uma gramma foi subtrahido ás vias aereas. D'esta maneira o ar secco produz uma secura anormal das superficies susceptiveis, que póde ser seguida d'irritação e de suppuração, Tal é, algumas vezes, a causa do coryza. Em algumas condições, a mucosa nasal não secca, porque se produzem líquidos em quantidade que compensa a que é roubada pelo ar secco; mas então, a evaporação excessiva faz ficar sobre a mucosa uma porção excessiva de saes que não são volateis, taes como o chloreto de sodio, e d'ahi resulta uma irritação; suppõe que é a este estado que se dá communmente o nome de *influenza*.

Se as vias aeras superiores cedem bastante vapor ao ar secco, poupam-se os brônchios. Emfim, se os bronchios não cedem a agua precisa ao ar secco, este vae do mesmo modo provocar a *pneumonia* nas vesiculas pulmonares.

Refere-se a estatisticas que publicou, mostrando que mesmo doenças contagiosas, como a escarlatina, a diphtheria e a variola, obedecem ás mesmas leis que as doenças agudas das vias aereas, e offerece como explicação que as exsudações provocadas nas vias aereas pela respiração do ar frio e secco fornecem um ninho aos contagios, e são assim causas predisponentes para aquellas doenças.

Quanto a ser ou não a *pneumonia* uma doença contagiosa, só tem a dizer que parece poder dar-se conta de quasi todos os phenomenos, sem necessidade de suppor um contagio especial. E' certo que não póde ser subita a evaporação de líquidos e a concentração de saes que provoque a *pneumonia* nas vesiculas pulmonares: d'este modo não cré que um golpe de frio possa ordinariamente produzir a *pneumonia*, salvo se a curta exposição ao frio for precedida ou seguida da inalação um pouco prolongada do ar secco e frio; todavia, cré que a *pneumonia* lobar póde ter aquella causa, tendo o calefrio e limitação da area da exsudação, como determinantes, a perturbação do equilibrio nervoso, associada a uma mais ou menos completa *paralysis* dos pequenos vasos sanguineos n'aquella

parte do pulmão innervada por um nervo particular, algumas ou todas as terminações de reflexão do qual tenham sido expostas á influencia enervante do calor; subseqüente á exposição ao frio.

As injecções do sumo de limão no tratamento da epistaxis.— Os meios empregados para combater a epistaxis são muito variados, mas pouco efficazes nos casos graves, e não ha então que esperar do perchloreto de ferro, do esporão de centeio, do tampão, etc.; outros tratamentos mais serios não são isentos de perigo, o tampão duplo, por exemplo, sobre o qual Gosselin e Martineau lançaram desfavor merecido. Deve exceptuar-se o methodo de revulsão na região hepatica praticado por Verneuil e que deu a este eminente cirurgião resultados excellentes. Baseando me em idéas physiologicas emittidas no seu curso por G. Sée (*Union Medicale*, 1875) diz Verneuil, recorri ao principio ás injecções d'uma solução concentrada de brometo de potassio, mas, depois d'alguns resultados maus, lembrou-me substituir o brometo pelo sumo de limão e ha doze annos que o emprego nas hemorragias nasaes mais rebeldes, provenientes de doença do coração ou do figado, e nunca este remedio deixou de ser proveitoso, mesmo depois de doze ou quinze horas d'insuccesso com todos os hemostaticos conhecidos. Este meio, que não encontrei mencionado em parte alguma, prestou-me principalmente grandes serviços nas creanças, em quem o tampão duplo tem inconvenientes mais graves do que no adulto. A maneira d'operar é a seguinte: com a seringa de vidro que costuma servir para as injecções urethraes, começo por lavar com agua fria a narina por onde se faz a hemorragia para a desembaraçar dos coagulos que contém, em seguida faço a injecção de toda uma seringa de sumo de limão recentemente obtido por expressão; passados um a dois minutos o sangue deixa de correr. Em geral não é preciso recorrer a segunda injecção.

Não creio que seja unicamente ao acido citrico que o sumo de limão deva a sua acção, porque por duas vezes me servi sem resultado d'uma solução concentrada d'acido citrico, sendo necessario recorrer ao sumo de limão. O sumo d'este fructo compõe-se, segundo Proust, de acido citrico, acido malico, gomma, mucilagem d'albumina vegetal e alguns saes. Segundo a minha experiencia, devem attribuir-se ao conjuncto d'estas substancias as propriedades hemostaticas observadas. (*Bull de ther.*)

Valor chimico do sulfato de esparteina.

— Vamos dar as conclusões de Prior sobre a acção do sulfato de esparteina nas doenças do coração: